

Alfredo Jerusalinsky

# SABER FALAR

Como se adquire a língua?



EDITORA  
VOZES

---

Petrópolis

## APRESENTAÇÃO

*Leandro de Lajonquière*

Professor titular da Universidade de São Paulo

Há quase vinte anos, eu lia pela primeira vez *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Acabava de atravessar a fronteira para me instalar no Brasil. Trazia comigo, dentre outras coisas, a edição castelhana deste livro de Alfredo Jerusalinsky – escrito em conjunto com seus colaboradores na época e, hoje em dia, um clássico em nosso campo.

Agora me vejo na singular tarefa de apresentar ao leitor este outro livro de Alfredo – *Saber falar*.

*Veinte años no es nada*, diz o tango. No entanto, foi o tempo necessário para o aparecimento deste, que virá, certamente, também a marcar mais uma diferença, entre um antes e um depois, na reflexão de muitos. É claro, também foi o tempo necessário para muitas outras coisas mais.

A leitura daquele primeiro me marcou. Apesar de ter comprado o livro na Argentina, só o abri do outro lado da fronteira. Também foi deste outro lado da fronteira que tive a ocasião de escutá-lo, uma e outra vez, falar.

Imagino que, se nunca o tivesse lido, dificilmente eu teria escrito *De Piaget a Freud* e, mais ainda, sem isto, talvez, eu não teria trilhado um percurso no saber falar a língua portuguesa no Brasil em torno da psicanálise, da infância e da educação. A ordem nas disciplinas e nos países parece ser um assunto de fronteiras. Talvez, por isso, toda novidade implique um percurso de atravessamento.

O testemunho da *clínica transdisciplinar* que Alfredo deu há quase vinte anos tocava diversas questões do trabalho com

crianças, às voltas com os chamados problemas do desenvolvimento infantil. A novidade – para mim – era fundamentalmente o descolamento operado na clássica forma de se pensar (ou de não se pensar) o sutil ponto de quiasma no campo do psíquico entre o necessário e o contingente.

Hoje, como o próprio Alfredo declara, passaram-se trinta e três anos de trabalho. E neste novo livro – caro leitor – ele se pergunta: Quais as condições do saber falar numa língua? Ou como se transmite uma língua? Ele mesmo situa os interrogantes nas mesmíssimas fronteiras entre a lingüística e a psicanálise.

As costumeiras perguntas sobre “as origens da linguagem na criança” ou sobre “a aquisição da linguagem pela criança” – outra coisa bem diferente é se interrogar pela aquisição ou transmissão de uma língua, como justamente Alfredo bem nos lembra neste livro – são como essas árvores que cativando nosso olhar não deixam ver o bosque. Certa vez, Maud Mannoni, respondendo a uma questão que lhe formulei, advertiu-me: essa não é uma boa pergunta! Não fiquei muito contente com o tom da resposta, mas comecei a entrever que as chances de virmos a desdobrar um interrogante dependem de como nós o formulamos. Por isso e por outras coisas sinto a sua falta.

As acadêmicas psicologias do desenvolvimento não conseguem desdobrar nenhuma dessas duas perguntas. Para além das diferenças mantidas entre si, são unânimes na referência à dita *imitação* por parte da criança dos ditos hábitos lingüísticos dos adultos. Onde essa imitação possibilitaria, por sua vez, ou uma operação de soletrado da realidade, ou uma simples ativação de uma escrita já estabelecida pela genética.

A criança das psicologias é uma árvore! A linguagem não se origina *na* criança. Por outro lado, talvez não seja possível estabelecer uma origem. Sendo a linguagem, sem dúvida alguma, historicizante – que possibilita histórias –, então, talvez não seja possível historiá-la. No entanto, essas questões tocam a *infância*; embora Alfredo não diga diretamente isso, mas sua forma de colocar a problemática me permite afirmá-lo e, assim, voltar sobre uma questão que me ocupa nos últimos tempos, qual seja o não recobrimento entre os termos criança e infância, apesar – é claro – da psicologia e da pedagogia. Certamente, com o pas-

sar do tempo poderei dizer de outros ecos produzidos pela leitura deste *Saber falar*.

Quando uma criança chega ao mundo, não fala, embora – é claro – para a maioria das mães “o seu bebê” fale. Conforme uma distinção proposta por Alfredo, diria que ela balbucia na *língua materna*, embora não fale ainda uma *língua de todos*. O tempo de infância gasto por uma criança cinde a *linguagem* e, assim, separa *língua* e *fala* ou, se preferirmos, *língua* e *discurso*. O fato de haver infância implica que a linguagem – seja o que ela for – deva, em se tratando dos homens, ser considerada como uma *faculdade de linguagem*, nos termos de Saussure e não naqueles dos típicos manuais de psicologia do desenvolvimento, onde a encontramos ou como um dom natural ou como uma contingência sociológica. Nesse sentido, costuma-se afirmar na psicanálise que a criança “está na linguagem”, embora ainda possa não falar de fato.

Nem as máquinas nem os animais falam; ambos rodam numa linguagem, cujas mensagens conseguem reconhecer na natureza. Já o homem é o único capaz de se deparar com o dilema da compreensão de um discurso e, portanto, seu mundo não é mais o meio ambiente fechado do signo, mas o universo uma e outra vez aberto do significante.

A passagem da língua ao discurso ou, nas palavras de Alfredo, daquela *materna* àquela outra *de todos*, reclama da operação de duas matrizes: a lingüística e a edipiana. A primeira permite a captura na língua e, portanto, o fato de vir a falá-la até certo ponto, mas é a impressão da segunda sobre a primeira que abre a possibilidade de o locutor designar-se como *eu*, ou seja, de conquistar um lugar de enunciação numa história, um lugar para discorrer. No entanto, o *eu* não significa o locutor como *sujeito*, não esgota seu ser. O *eu* lingüístico está na língua e, dessa forma, quando o locutor o empunha, a alteridade da língua é denegada. Nega-se a sua transcendência, mas a língua acaba cavoucando o mesmíssimo ser por dentro e, assim, a sua alteridade volta à tona, volta a ser afirmada, pois o *eu* só refere a um ato de discurso.

A operação da *matriz lingüística* – o discurso *amo* segundo Alfredo – implica a fala, pois encena a separação do objeto. Po-

rém, o discorrer na língua de todos reclama da separação do  $S_1$  –  $S_2$ , graças à *matriz edipiana*, única capaz de situar o sujeito em face da ignorância do seu lugar na série da filiação e, assim, lançá-lo à interrogação da verdade. Ambas as matrizes se pressupõem logicamente; ou seja, não há uma prelação evolutiva entre uma e outra. No entanto, a “entrada” de uma criança na linguagem bem pode, às vezes, operar a dissociação das duas matrizes e, assim, abrir a possibilidade do abanico psicopatológico. Nessa indução está em causa aquilo que Alfredo denomina a *matriz enunciativa*, ou seja, o “jeito” de um adulto – em posição de Outro Primordial – endereçar a palavra a uma criança e, portanto, a singular implicação dos “grandes” na educação dos pequenos.

O fato de não termos sido sempre falantes, de termos atravessado a condição de *infans*, faz desse tempo de infância uma experiência singular – alheia às máquinas e aos animais. A criança está na linguagem, mas tem que ser capturada por ela. A captura não é total – a linguagem arma circuitos neurônicos, mas não transmuta a materialidade orgânica da célula naquela “sutil” da linguagem, lembrando a adjetivação lacaniana. Assim, há um resto de captura que, por sua vez, exprime-se como a diferença entre língua e fala, entrecruzadas sob a forma de quiasma. Em outras palavras, instala na linguagem uma distância diferencial entre a dimensão semiótica e a semântica, cujo deslocamento recorta no horizonte um ponto de fuga por onde se perde a infância, não sem deixar seu traço infantil sob a forma do *inconsciente*.

A infância é a mesmíssima experiência da transcendência da linguagem. Ela não é uma substância psíquica pré-lingüística como o pensam a psicologia e a pedagogia, a reboque da primeira. Só se pode “ter” uma infância no *après coup* enquanto perdida, isto é, quando não se é mais *infans*. A infância é efeito da apropriação operada pela linguagem na transformação da criança humana em sujeito, onde o sujeito enquanto desejante é uma simples realidade assintótica.

Nesse sentido – guiado por este *Saber falar* – proponho deixar de lado a forma costumeira de colocar a pergunta pelas origens da linguagem na criança e aproveitar para lembrar os leitores da aguda reflexão de Giorgio Agamben: a infância é a origem da linguagem, assim como esta é origem da infância.

Entretanto, como se transmite a linguagem? Alfredo Jerusalinsky responde: como uma fala. Eis aqui a sua singular tese e a sua diferença, em particular, com Jean Allouch que insiste na transliteração de uma escrita. Pessoalmente, concordo com Alfredo.

Venho nestes últimos tempos timidamente pensando que o termo transmissão, quando usado de forma distraída, faz também as vezes de uma árvore. Se por transmissão se entende a passagem material de algo de um lado a outro, então, a linguagem não se transmite – não “passa” – de um adulto a uma criança.

No homem há uma diferença entre a disposição biológica à linguagem e o fato de vir a falar no interior de uma língua. O fato de estar preparado para a linguagem se transmite geneticamente de uma geração a outra. Porém, essa predisposição se perde, caso a criança não seja exposta à fala de um outro no tempo da plasticidade cerebral. Lembremos a infelicidade de Vitor, *l'enfant sauvage de l'Aveyron*. Não se trata de uma justaposição da cultura sobre a natureza como comumente se pensa, mas de uma duplicidade no seio mesmo da linguagem. A linguagem humana possibilita a ressonância entre a natureza e a cultura e, assim, a produção de algo novo – o discurso. Essa é a sua faculdade.

O *infans* deixa de ser tal à medida que um outro lhe endereça a palavra e, dessa forma, estende as fronteiras de um universo aberto. Não há transmissão, no sentido de passagem, de nenhuma mensagem ou comunicação de uma informação. Se ainda assim queremos pensar nesses termos, podemos dizer que a criança tão-somente recebe uma espécie de mensagem negativa: “lá fora” tem “algo” que reclama de uma produção para, assim, as duas realidades entrarem em ressonância. A fala adulta invoca o *infans* a deixar de ser tal. A criança acerta por acaso e, na seqüência, recomeça “procurando” – sem saber – a razão para o sucesso. Assim, tece-se uma e outra vez o saber próprio da língua sem nenhum recurso a uma instância metacognitiva – isto é, o saber falar é um saber que não se sabe.

Alfredo Jerusalinsky frisa a equivocidade própria à fala. A clínica lhe reclama isso que por sua vez lhe possibilita contestar a afirmação de Allouch.

Ao meu ver, essa equivocidade “receptada” é uma invocação ao impossível de sua formatação e, portanto, aquilo que

causa a ressonância entre esses dois sistemas distintos, porém contíguos, que são a língua e a predisposição à linguagem. Sem fala não há equívocidade. Que o digam as línguas mortas! Portanto, a fala está em causa na dita transmissão. Da linguagem? Não, de uma língua. E, claro, à distância, os falantes aparecem como “passadores” de linguagem, como os participantes de uma corrida de revezamento.

Como afirmava Saussure, a língua é um produto social. E por isso ela reclama da transmissão. A linguagem é uma faculdade, dizia esse notável genebrino. Ela não se transmite. Ela é a mesmíssima condição de possibilidade daquilo chamado transmissão. O que é uma faculdade que não seja nem social, nem natural? É aquilo de que gostamos, na psicanálise, de chamar função. Em suma, estou falando da função significante. Aquela função que entranha a possibilidade de um significante representar um sujeito para um outro significante. Ela é necessária enquanto a língua e a fala são contingentes.

Pois bem, fico por aqui e passo o bastão para você. Ainda não faz nem uma semana que acabei a leitura de o *Saber falar* de nosso querido Alfredo Jerusalinsky. Caro leitor, agora é a sua vez de dizer onde este livro veio a fazer marca.

São Paulo, inverno de 2007